



SEÇÃO TEMÁTICA

A produção de documentários e a disputa pela verdade: análise da “Brasil Paralelo”

The production of documentaries and the dispute for truth: an analysis of “Brasil Paralelo”

Saulo Albert*
Edvania Gomes da Silva**

Resumo: Este artigo objetiva analisar a memória que atravessa os documentários da produtora *Brasil Paralelo* com base na problemática da reconfiguração do fundamentalismo e do tradicionalismo em relação à ordem discursiva religiosa. Partindo de um modelo integrador, vinculado ao pluralismo metodológico possibilitado pelas ciências das religiões na contemporaneidade, tomamos o saber-poder em Michel Foucault como principal fundamento teórico para, utilizando sua análise dos discursos, incluindo conceitos como *domínio de memória* e *campo de concomitância*, investigar como o lugar cinematográfico do documentário é utilizado em disputas envolvendo enunciados relacionados à ciência e à religião. Nesse sentido, examinamos como o filme não ficcional, usualmente considerado como um estrato do mundo histórico, expressa um tratamento criativo da realidade nas suas representações, ressoando uma concepção de verdade relacionada aos enunciados do discurso que a produção audiovisual busca ecoar. Analisando dois documentários da produtora Brasil Paralelo, “Pátria Educadora” e “O fim da beleza”, constatamos que os efeitos afetivo-emocionais materializados na construção filmica dos documentários, juntamente com as representações de uma memória da religião, que atravessa os campos político e científico, reconfigurada por meio da intercessão entre fundamentalismo e tradicionalismo, reforçam uma mudança na ordem desse discurso ocorrida nas últimas décadas. Tal mudança indica que uma determinada verdade religiosa precisa atravessar outras esferas discursivas, através de um campo de concomitância, favorecendo uma subversão de enunciados da ciência, buscando, assim, reconfigurar no presente a memória de um passado idealizado.

Palavras-chave: Documentário. Discurso Religioso. Brasil Paralelo. Memória. Fundamentalismo. Tradicionalismo.

Abstract: This article aims to analyze the memory conveyed through the documentaries produced by Brasil Paralelo, based on the reconfiguration of fundamentalism and Traditionalism in relation to the religious discursive order. Using an integrative model linked to the methodological pluralism

* Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB) com bolsa CAPES. Especialista em Sociopsicologia (FESPSP), em Psicopatologia Psicanalítica (UNIFG), em Antropologia Cultural (PUCPR) e em Psicologia Positiva (PUC Minas). Bacharel em Direito (UESB), Sociologia (UNINTER) e Filosofia (UNINTER). Bacharelando em Psicologia (FAINOR). Em 2022, foi vinculado à Iniciação Científica do Centro Universitário Internacional no projeto de pesquisa "Teologia, Sociologia e Filosofia: diálogos orgânicos". Desde 2016, atua na administração da empresa J R Aliança LTDA. Possui como principais objetos de estudo o discurso da pureza e o panorama sociopolítico e cultural brasileiro contemporâneo (em interface com o internacional). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9248-9402>

** Possui Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2010), Doutorado em Linguística (2006) e Mestrado em Linguística (2004) pela mesma instituição e Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Durante a Graduação, foi bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq. Atualmente, é Professora Titular/Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso, com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso; polêmica discursiva e interdiscurso; aforização. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6201-7583>

enabled by contemporary religious studies, we adopt Michel Foucault's concept of knowledge-power as the main theoretical foundation. Employing his discourse analysis, including concepts such as the domain of memory and the field of concomitance, we investigate how the cinematographic space of documentaries is used in disputes involving statements related to science and religion. In this context, we examine how non-fiction films, usually considered as strata of the historical world, express a creative treatment of reality in their representations, resonating with a conception of truth tied to the discourse statements that the audiovisual production seeks to echo. Analyzing two documentaries by Brasil Paralelo, "Pátria Educadora" and "O Fim da Beleza", we find that the affective-emotional effects materialized in the film's construction, along with representations of a religious memory that traverses political and scientific fields and is reconfigured through the intersection of fundamentalism and Traditionalism, reinforce a shift in the order of this discourse over the past decades. This shift suggests that a specific religious truth must permeate other discursive spheres through a field of concomitance, facilitating the subversion of scientific statements and, consequently, seeking to reconfigure the memory of an idealized past in the present.

Keywords: Documentary. Religious Discourse. Brasil Paralelo. Memory. Fundamentalism. Traditionalism

Introdução

No cenário da cinematografia religiosa, os documentários, no decorrer da história da sétima arte, representaram as religiosidades, seja a partir de um distanciamento científico (observacional, sociológico e/ou histórico), seja imergindo nas vivências e práticas espirituais por meio de um olhar etnográfico ou com base na própria perspectiva da religiosidade analisada. Em conjunto com essas representações, o plano da expressão, como técnica estética e artística da produção audiovisual que abrange o conjunto das experiências sensoriais provocadas pela montagem filmica, contribui com a vivência afetivo-intelectiva que o documentário busca transmitir com a finalidade de convencer o expectador acerca de um argumento ou mesmo sobre uma pretensa "verdade".

O documentário, conforme Bill Nichols (2010), apesar de denotar uma precisão factual ao se diferenciar da categoria de filmes ficcionais, acaba expressando um tratamento criativo da realidade no processo de relatar o mundo histórico, buscando, assim, reproduzir a realidade, mas como representação. Quanto a isso, acreditamos que, se o documentário diz respeito ao mundo histórico, ele ecoa uma memória que se configura cinematograficamente em um campo de concomitância entre essas representações-expressões filmicas e o discurso científico. Todavia, se há disputas sobre uma concepção de verdade, nem todos os documentários vão convergir discursivamente em relação ao que seria "verdadeiro".

Nesse movimento conflitivo, uma produtora de filmes e séries documentais que tem causado controvérsias ao decorrer dos últimos anos é a Brasil Paralelo. Autoqualificada como "empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação" com a missão de "resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros" (Brasil Paralelo, 2024), essa produtora de conteúdo para um público conservador, com mais de 300 mil assinantes, possui faturamento acima de R\$ 30 milhões por ano, viabilizando documentários que elegem a secularização da sociedade como um inimigo a ser combatido e a verdade como fundação metafísica assentada no Deus do monoteísmo cristão (Felinto, 2023), representando e expressando uma alegada verdade sobre a história do Brasil a partir de uma determinada visão teológica (Moraes; Cleto, 2023).

A ideia de laicidade, nesse quadro contemporâneo, é invocada tanto para defender o Estado e suas instituições quanto para atacá-los. Carlos Roberto Jamil Cury (2018), explorando essa questão, entende que a modernidade, ecoando movimentos como a Revolução Francesa, permite que o Estado haja em espaços anteriormente ocupados pela religião. Contudo, essa concepção moderna de dessacralização do poder e de laicização do direito, com um maior deslocamento do discurso religioso para âmbitos privados, não suplantou por completo a memória de uma maior intercessão entre religião, política e ciência, o que faz com que enunciados religiosos circulem mais veementemente nas redes de saber-poder como estratos de uma verdade. Esse mesmo autor entende, ademais, que a tentativa de reconfigurar essa memória no presente, em sua vertente fundamentalista, choca-se com o estatuto da democracia.

Perante essa problemática, questionamos como uma memória religiosa é ecoada nas produções filmicas da Brasil Paralelo, em seu campo de concomitância com a ciência, fazendo emergir uma disputa pela “verdade”? Justificamos a realização da pesquisa que resultou neste artigo pela relevância e amplitude que essa produtora audiovisual alcançou no cenário nacional ao defender certos paradigmas e teorias conspiratórias na tentativa de subverter o discurso científico, a partir das intercessões que tal discurso mantém com as esferas política e religiosa.

Para analisar qual memória relacionada ao discurso religioso atravessa alguns dos documentários da Brasil Paralelo, traçamos um percurso teórico-metodológico fundamentado principalmente nos trabalhos de Foucault e nos conceitos operacionais domínio de memória e campo de concomitância; desenvolvemos algumas relações entre os documentários e o discurso de verdade materializado em movimentos como o fundamentalismo e o tradicionalismo; e, por fim, analisamos dois documentários da referida empresa a fim de indicar o funcionamento, nestas produções, dessa memória religiosa, reconfigurada conforme novas condições de possibilidade.

O saber-poder em Michel Foucault como percurso teórico-metodológico

Giovanni Filoromo e Carlo Prandi (1999), estudiosos das ciências das religiões, entendem que esta área, como estrato científico, constituiu-se durante a segunda metade do século XIX, juntamente com o estabelecimento positivista de outras disciplinas das ciências humanas. O problema epistemológico da referida disciplina buscava, inicialmente, responder se essa ciência nascente visava explicar ou compreender as religiosidades – sujeitando-se aos métodos da pesquisa crítica, estruturalista e empírica ou inclinando-se para uma fenomenologia compreensiva que permitisse à religião falar sobre si mesma. Atualmente, ainda conforme os autores, a interrogação quanto à científicidade das ciências das religiões aponta para um modelo de integração baseado em um pluralismo metodológico, desde que cada percurso teórico-metodológico indique suas próprias garantias de científicidade, o que resulta em um campo disciplinar aberto e dinâmico que avança segundo a riqueza da sua diversidade metodológica.

Considerando essa abertura procedural, um dos autores interdisciplinares passíveis de se trabalhar é Michel Foucault (2013), cujo eixo teórico-metodológico ele

denomina como análise dos discursos, convidando os analistas dos saberes discursivos, para além da filosofia, a se aproximarem dos políticos em prol de uma compreensão das relações de luta e de poder ligadas às condições de produção, circulação e recepção dos enunciados.

O saber é ao mesmo tempo o espaço em que o sujeito pode se colocar para discutir os objetos que aborda e “[...] o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam” (Foucault, 2014a, p. 236). Como aponta o referido autor, ao pensar o discurso como um conjunto de enunciados, esse encadeamento não possui unidade em relação ao objeto, aos conceitos ou mesmo diante da identidade dos temas, pois a análise dos enunciados de um discurso indica sistemas de dispersão, marcados por rupturas e descontinuidades, mas cuja genealogia pode ser traçada por meio de alguns processos como o reconhecimento do domínio de memória (ou campo de memória). Ainda segundo Foucault, o domínio de memória diz respeito a:

[...] enunciados que já não são nem admitidos nem discutidos, que já não definem, por conseguinte, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas a respeito dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica [...] (Foucault, 2014a, p. 97).

Assim sendo, determinados enunciados religiosos que, historicamente, já foram centrais na constituição de uma verdade sociocultural e política compartilhada, deixaram de ser admitidos nos discursos científicos modernos. No entanto, tais enunciados não desapareceram; eles ecoam, mas mantêm certas relações de filiação e de gênese, podendo ser reconfigurados conforme as condições de possibilidade¹. A Brasil Paralelo, por exemplo, ao se apropriar de algumas formulações científicas alterando-as para embasar enunciados de inspiração religiosa, recorre a esse domínio de memória: não como retorno ao passado, mas como tentativa de reposicionamento desses enunciados religiosos como supostas verdades no presente, com uma expectativa de adesão científica e, consequentemente, de outras esferas como a política e a midiática.

O discurso religioso, de acordo com Foucault (2014b), constitui-se como um dos discursos fundantes, por estar na origem de muitos atos. A ordem do referido discurso abrange uma série de procedimentos que estabelecem mecanismos de controle para dominar o acaso do acontecimento, gerenciando a manutenção das relações de poder por meio de um conjunto de regras e proposições que determinam quem pode falar o quê e em quais condições. Essa ordem do discurso religioso inclui ainda os rituais – definindo a qualificação das falas, gestos, comportamentos e circunstâncias – e a doutrina – que tende a difundir o discurso para um amplo número de indivíduos que passam a definir sua pertença recíproca a partir do conjunto de enunciados que

1 As condições de possibilidade, segundo Foucault (2010a), relacionam-se com a noção de *a priori* histórico, como condição de realidade dos enunciados – enunciados esses que são desenvolvidos e concatenados, em um dado momento histórico, conforme o complexo conjunto de relações desse momento.

precisam ser reconhecidos como verdades ortodoxas (ou seja, que funcionam em oposição à heresia).

Contudo, como se dá esse reconhecimento do discurso como verdade? Foucault (2010b) argumenta que a produção do discurso verdadeiro é permeada por múltiplas relações de poder, cujas dinâmicas organizam a economia dos discursos de verdade, permitindo a configuração dos poderes que formam o corpo social. O poder, ao regular a produção dos saberes tidos por verdadeiros, circula entre os indivíduos, o que leva à concepção de uma microfísica do poder já que a concepção de verdade não é constituída somente em nível vertical (hierarquicamente, de cima para baixo), mas também (e principalmente) por meio um complexo conjunto de relações internas e externas ao discurso. Essa busca do reconhecimento de uma verdade aparece, por exemplo, a partir de fenômenos discursivos como o campo de concomitância, que, para Foucault (2014a, p. 96), diz respeito aos

[...] enunciados que se referem a domínios completamente diferentes de objetos e que pertencem a tipos completamente diferentes de discurso; mas que passam a agir entre os enunciados estudados ou por servirem de confirmação analógica, ou por servirem de princípio geral e de premissas admitidas de um raciocínio, ou por servirem de modelos que podem ser transferidos para outros conteúdos, ou por funcionarem como instância superior com a qual é necessário confrontar [...].

Se a produção cinematográfica de cunho documental visa dialogar com o mundo histórico, cujos enunciados estão em interseção com o discurso científico, espera-se que o documentário, como obra não ficcional, materialize-se como estrato de uma concepção de verdade em consonância com a ciência. Todavia, recuperando uma memória acerca dos ecos de enunciados religiosos no discurso científico, o modelo fílmico documental pode se constituir por meio de um campo de concomitância – que utiliza algumas formulações e enunciados científicos para tentar confirmar analogicamente enunciados que gravitam fora dessa esfera e que tentam se estabelecer como verdadeiros numa determinada ordem do discurso. Essa problemática discursiva, em sua configuração contemporânea, pode ser percebida nos documentários da Brasil Paralelo.

Documentários relatam a verdade? Ecos fundamentalistas e tradicionalistas na cinematografia

Compreender o que é o documentário demanda conhecer a sua história que, por sua vez, entrelaça-se com os históricos do filme, da cinematografia e do próprio cinema. De acordo Erik Barnouw (1993), as primeiras projeções públicas de produções gravadas por diferentes operadores utilizando o cinematógrafo dos irmãos Lumière tinham, entre as suas várias similaridades, a característica de não serem histórias ficcionais, o que é perceptível através de alguns dos seus títulos: “A primeira aula do bebê em andar”, “Uma cena de gôndola em Veneza”, “A corrida de carruagens elétricas de Paris

a Bordeaux" etc. Por essa razão, uma das denominações que esses filmes já recebiam no início da história do cinema era "documentário".

No início do século XX, embora superado numericamente pelos filmes ficcionais, o documentário seguiu sendo utilizado por regimes imperiais, repúblicas e diferentes poderes políticos como instrumento de propaganda, promovendo imagens idealizadas de si mesmos. Em um contexto colonialista e alinhado à ciência eugenista, produções de nações colonizadoras retratavam povos dominados como exóticos e supostamente gratos pela tutela europeia, frequentemente distorcendo os fatos com cenas encenadas, artifícios aceitos como autênticos por um público que ainda desconhecia os limites entre realidade e ficção no gênero documental (Barnouw, 1993).

Em torno de 1910, o surgimento da tecnologia de múltiplos rolos para filmes permitiu a gravação de longas-metragens, popularizando os filmes ficcionais, mas, em contraposição, consolidando um declínio do formato filmico documental. No decorrer das décadas seguintes, os documentários tiveram certa relevância no contexto das Guerras Mundiais e chegaram a ganhar uma categoria nas premiações do Oscar a partir dos anos 1940, todavia, conforme Bill Nichols (2010), sua "era de ouro" só teve início na década de 1980, quando os documentários foram impulsionados por uma nova onda de filmes que desafiavam representações e expressões convencionais, permitindo abordagens inovadoras e diferentes das grandes mídias, com produções independentes possibilitadas por tecnologias mais baratas e acessíveis.

Assim como Barnouw (1993) mostrou que o documentário, desde suas origens, esteve envolvido em práticas de manipulação da realidade, Nichols (2010) destaca que suas técnicas narrativas – como a seleção de cenas, a justaposição de imagens, o uso de som e intertítulos – são utilizadas para persuadir o espectador, produzindo um efeito de verdade. Ainda que mantenha diferenças em relação à ficção, o documentário compartilha com ela dispositivos expressivos e efeitos dramáticos. As pessoas filmadas modificam seus comportamentos diante das câmeras, e a realidade apresentada sofre o filtro subjetivo do diretor, que transforma a representação histórica em uma narrativa moldada por sua perspectiva.

Embora o documentário pretenda apresentar provas ancoradas na realidade e no mundo histórico, o funcionamento desse tipo de produção depende das escolhas das produtoras e do modo como o filme organiza seus enunciados. Nichols (2016) argumenta que fatos e eventos apenas adquirem o status distintivo de evidência dentro de um contexto discursivo ou de um quadro interpretativo, o que exige que o documentário dialogue com o discurso científico para reforçar sua legitimidade. Nesse processo, observamos um campo de concomitância em que enunciados pseudocientíficos podem ser mobilizados para sustentar argumentos religiosos, mesmo que distorcendo ou descontextualizando os saberes científicos. Essa tensão torna-se ainda mais presente quando o fundamentalismo recorre à linguagem científica para reforçar sua ordem do discurso. Nas palavras do autor:

A razão é frequentemente insuficiente para nos levar a adotar novos valores ou alterar nossas crenças, mas qualquer esforço para fazer isto que vá de encontro à razão nos faz retornar a uma visão de mundo pré-iluminista e anticientífica, baseada na mistificação ou, em termos mais modernos, no espetáculo. Tal visão pode ter apelo para alguns,

e pode ser defendida de forma persuasiva – como demonstram os grupos religiosos fundamentalistas e outros fanáticos. Pode ser defendida com sinceridade, com crença sincera. A presença de mistificação também pode servir como um teste de detecção para buscar uma ética que insista no respeito pelos fatos estabelecidos, evidências aceitas e fundamentos da razão – mesmo reconhecendo que fatos, evidências e razão se mostram uma base insuficiente para nossos valores e crenças mais fundamentais (Nichols, 2016, p. 157, tradução nossa).

Compreender o eco de um fundamentalismo religioso em documentários é algo que nos demanda, primeiramente, analisar a genealogia do fundamentalismo como modalidade de saber. Entre 1910 e 1915, foi publicada nos EUA uma coleção de ensaios, escrita por teólogos e ministros de diversas denominações protestantes conservadoras, denominada *“The Fundamentals: A Testimony of the Truth”*, com o objetivo de defender doutrinas cristãs ortodoxas contra o modernismo e o liberalismo teológico. Reverberando “os fundamentos” (como parte do título dessa coletânea), o termo “fundamentalista” se consolidou, à época, como auto qualificação daqueles que apoiavam essas “doutrinas fundamentais”, que incorporavam diretrizes como uma leitura mais literal da Bíblia, a divindade de Cristo e uma maior participação dos religiosos na política (Hefley, 1991; Schnelle, 2009).

Nessa primeira fase do fundamentalismo, na década de 1920, e tomando como referência à Convenção Batista do Sul (nos EUA), iniciou-se um movimento de perseguição aos professores na Baylor University, uma das maiores universidades cristãs do país. Tais perseguições ocorriam em casos de menções à teoria da evolução e quando tais profissionais demonstravam não crer na literalidade do texto bíblico, além da demissão de professores em escolas batistas que indicassem a possibilidade de a Bíblia conter erros. Esse movimento levou à tentativa de se criar um comitê, nessa mesma década, para regular se o que era ensinado em instituições de ensino batista e para verificar se tal ensino respeitava uma interpretação literal das Escrituras (Hefley, 1991).

Nessa ordem do discurso (Foucault, 2014b), entretanto, os enunciados fundamentalistas, em um primeiro momento, foram interditados e excluídos, mantendo-se uma vontade de verdade que separou o fundamentalismo do cerne dos rituais e doutrinas constituintes do que era considerado verdadeiro em instituições religiosas diversas, incluindo os batistas do Sul (Smith, 1997).

Todavia, esses enunciados seguiram ecoando em oposição ao discurso dominante, e, nas décadas seguintes, alçaram maior centralidade na ordem do discurso religioso, conforme novas condições de possibilidade configuradas, por exemplo, pela aproximação entre o partido Republicano (nos EUA) e evangélicos em um campo de concomitância entre os discursos político e religioso, ressoando uma memória de *pureza* nos costumes designada como “valores familiares tradicionais” (Dowland, 2015) e pelo enfrentamento a movimentos sociais diversos – como o feminista e o “homossexual” (Du Mez, 2022). O fundamentalismo, então, saiu de um campo de resistência e passou a ocupar postos centrais em muitas denominações evangélicas, alcançando posição de “verdade” ao reverberar nos rituais e doutrinas dessa ordem do discurso religioso (Hefley, 1991; Schnelle, 2009).

Enquanto o fundamentalismo se desenvolvia e se estabelecia, nomes que se destacaram no cenário político contemporâneo em função da extrema-direita, como Steve Bannon e Olavo de Carvalho, eram apresentados a uma corrente espiritual e filosófica conhecida como “tradicionalismo”, cujo principal objetivo envolvia a oposição ao mundo moderno, manifestando-se contra a mídia tradicional, a ciência, as universidades, a secularização do Estado, o humanismo e o iluminismo. Nesse contexto de oposição, os adeptos do tradicionalismo estimulavam a desestruturação das instituições públicas, a criação de redes educacionais alternativas e a aproximação entre política e religião (Teitelbaum, 2020), ideias bastante similares ao que importantes líderes fundamentalistas estavam popularizando nos EUA (Schaeffer, 1982; Schaeffer, 2011), o que ajuda a explicar essa aproximação entre ambos os movimentos político-religiosos (Prado, 2021).

Para complexificar esse panorama, a expansão dos movimentos fundamentalista e Tradicionalista ocorria em paralelo à propagação da cultura pop como cerne da experiência contemporânea relacionada a uma cultura de mídia marcada pela volatilidade de um consumo massivo e espetacularizado, gerador de senso de pertencimento pelo compartilhamento de afetos e afinidades através do consumo e interpretação de produtos e performances de entretenimento (Sá; Carreiro; Ferraz, 2015; Janotti Junior, 2015; Soares, 2015). Ecoando esse contexto, o fundamentalismo religioso nos EUA adotou técnicas e tecnologias para se integrar à cultura pop, como o televangelismo e a música gospel, promovendo uma fé mais acessível e mercadológica com a atração, por consequência, de uma ampla audiência, desafiando fronteiras denominacionais e desenvolvendo uma cultura evangélica popular (Du Mez, 2022; Martino, 2015).

Sob as condições de possibilidade promovidas pelas técnicas, tecnologias, saberes e poderes, interseccionando o fundamentalismo, o tradicionalismo, a cultura pop e a cinematografia, no final da década de 1970, despertar da “era de ouro” dos documentários, foram lançados alguns filmes e séries com a participação de teólogos fundamentalistas que utilizavam recursos desse estilo filmico dos documentários, fazendo funcionar um campo de concomitância coadunado com a realidade histórica e com o discurso científico na tentativa de concatenar indícios e convencer um amplo público a aderir ao discurso religioso fundamentalista que, nessa época, já começava a alcançar posição de verdade na ordem do discurso religioso.

Entre esses documentários, destacam-se: *“How Should We Then Live?”*, de Francis Schaeffer (1977), que examina a história e a cultura ocidentais sob uma perspectiva cristã e crítica à secularização; *“The Late Great Planet Earth”*, baseado em livro homônimo que interpreta eventos contemporâneos como sinais do apocalipse de acordo com profecias bíblicas (Lindsay, 1979); e *“Whatever Happened to the Human Race?”*, colaboração de Schaeffer com Everett Koop (1979), que aborda questões como aborto e eutanásia na defesa de uma visão cristã voltada a uma intervenção “pró-vida” na esfera política.

Essas produções, para além da representação de um campo de concomitância entre religião e ciência, utilizam o plano de expressão audiovisual para convencer o público não apenas pela aparência de racionalidade dos argumentos, mas também pelo impacto emocional. A montagem filmica, com suas narrações enfáticas, trilhas sonoras dramáticas e imagens evocativas, visa provocar reações afetivas que reforçam as ideias

religiosas fundamentalistas. Ao combinar narrativa, imagem e som, esses documentários criam uma experiência sensorial que engaja o espectador e facilita a adesão emocional ao seu discurso.

Apesar da expectativa de que o documentário reverbere um estrato do discurso científico, cada ordem do discurso pode ter a sua verdade e essas diferentes verdades podem ser divergentes entre si. O fundamentalismo, em certa convergência com o tradicionalismo, passando a uma centralidade da ordem do discurso religioso e, por consequência, buscando reconfigurar no presente uma memória na qual a religião tinha maior poder de influência sobre diversos saberes discursivos, passou a utilizar técnicas e tecnologias dos documentários para convencer um amplo público sobre a pretensa veracidade da sua doutrina. Essa rede de saber-poder ecoa e se reconfigura, conforme as condições de possibilidade do Brasil contemporâneo, na produção audiovisual da Brasil Paralelo.

Uma memória do discurso religioso nos documentários da Brasil Paralelo

Olavo de Carvalho foi um ideólogo conspiracionista, cujos enunciados por ele reverberados tiveram grande influência sobre o movimento político-religioso da direita contemporânea no Brasil. Apesar das suas relações de filiação com o tradicionalismo (Teitelbaum, 2020) e com um eco do fundamentalismo religioso (Rocha, 2021; Machado; Miskolci, 2019), suas formulações não se delimitavam a esses espaços enunciativos, já que, para Carvalho, suas falas seriam reflexo direto de uma “verdade transcendental”. Ou seja, querendo abranger e adentrar as ordens de diferentes discursos, o ideólogo não poderia admitir ou discutir explicitamente a genealogia relacionada aos seus saberes já que, para Carvalho, eles não seriam constituídos por um domínio de memória (de base sócio-histórica), mas sim por um discurso da “verdade”. Para consolidar essa estratégia, o campo de concomitância com o qual dialogam os que aderem a essa perspectiva utiliza alguns enunciados científicos na deturpada tentativa de confirmar tais discursos por meio da pretensa relação com princípios gerais aceitos como verdade. É o que vemos materializado no excerto abaixo:

A grande mídia, hoje maciçamente concentrada nas mãos de megaempresas globalistas, tem um papel fundamental na estuporificação das massas. Para isso, uma das técnicas de emprego mais generalizado hoje em dia é a *dissonância cognitiva*, descoberta do psicólogo Leon Festinger (1919-1989). Vejam como a coisa funciona. Se vocês lerem os jornais americanos de hoje, saberão que Tiger Woods, o campeão de golfe, um dos cidadãos americanos mais queridos dos últimos tempos, está agora sob bombardeio cerrado dos jornais e noticiários de TV porque descobriram que o coitado tinha umas amantes. Escândalo! Horror! A indignação geral ameaça cortar metade dos patrocínios do adúltero e excluí-lo do rol das “pessoas maravilhosas” que aparecem em anúncios de tênis, chicletes e dietas miraculosas. Mas há um detalhe: ao lado dos protestos contra a imoralidade do esportista aparecem ataques ferozes aos “extremistas de direita” que não aceitam o abortismo, o casamento gay ou a indução de crianças à deleitação sexual prematura. (Carvalho, 2014, grifo do autor, p. 176).

Ao utilizar um conceito extraído da história da ciência psicológica (dissonância cognitiva), de modo distorcido, para tentar confirmar seus enunciados ecoados do tradicionalismo e do fundamentalismo, Carvalho reconfigura a memória de um discurso religioso para a qual o fundamentalismo (em diálogo com o tradicionalismo) possui lugar de verdade em sua ordem e visa alçar posição similar em outras esferas discursivas, buscando, por exemplo, alterar o discurso científico que, juntamente com o espaço acadêmico, apesar de às vezes ser utilizado por Carvalho, é usualmente colocado na posição de inimigo a ser enfrentando e suplantando, como ilustrado abaixo:

O modelo dos líderes e dos ídolos intelectuais é repetido, em série ilimitada, nas vidas de militantes, simpatizantes e "companheiros de viagem", acabando por espalhar-se entre o público geral. O rancor sem fim contra pais e mães, a destruição da unidade familiar, o ódio às exigências morais das tradições religiosas, a busca desesperada de sensações por meio do consumo de drogas, a reivindicação pueril do "direito ao prazer", a transformação do erotismo numa escalada de exigências egolátricas que começa no protesto feminista e culmina na apologia aberta da pedofilia e do incesto, a disseminação de técnicas pedagógicas que estimulam a delinquência infanto-juvenil tudo isso é a projeção ampliada do estilo de vida dos "grandes revolucionários", espraiada no tecido da sociedade a ponto de já não reconhecer-se como tal e transfigurada num sistema de obrigações "éticas", base de julgamentos, acusações, cobranças e chantagens (Carvalho, 2014, p. 144).

Carvalho, defendendo a criação de redes educacionais alternativas que tentassem aproximar política e religião (Teitelbaum, 2020) na busca de constituir uma "ciência paralela" em oposição a muitos enunciados do discurso científico contemporâneo, foi uma das principais influências e um dos nomes mais presentes nas produções da Brasil Paralelo.

Em alinhamento com a afirmativa de Nichols (2010) sobre o documentário se caracterizar pela tentativa de reproduzir o mundo histórico, expressando um tratamento criativo da realidade no seu relato, Everton de Oliveira Moraes e Murilo Prado Cleto (2023) percebem que os filmes e séries documentais dessa produtora brasileira focam na história, problematizando suas vertentes historiográficas científicas e argumentando em prol de uma visão teológica da história do Brasil. Em prol dessa missão, ainda com base nesses autores, entendemos as enunciações da Brasil Paralelo como parte de um campo de concomitância ambíguo, pois:

[...] ao mesmo tempo em que ataca constantemente as universidades e os saberes acadêmicos em virtude da sua participação ativa no projeto de dominação marxista cultural, recorre não apenas à estética e ao gestual associados aos intelectuais, mas também, sempre que possível, enfatiza os títulos acadêmicos dos entrevistados como incremento de legitimidade [...]. Não é muito difícil perceber que essa tentativa de emulação de um discurso acadêmico é, no fim das contas, não tanto uma busca por legitimação intelectual, mas uma performance que busca tornar o produto audiovisual mais atrativo, capaz de vender a imagem de um documentário sério, isto é, que é algo mais do que mera criação ideológica vazia. (Moraes; Cleto, 2023 p. 17).

Como já analisamos, o documentário se relaciona, no plano da representação (mais fidedigna ou não), com o mundo histórico, o que justifica essa tentativa da *Brasil Paralelo* de reconfigurar uma história do discurso científico. Mas, como esse formato audiovisual de ambição não ficcional também atravessa o plano da expressão, as evidências de uma *história paralela*, apresentadas por essa produtora conservadora em seus documentários, são manifestadas (também) como um processo afetivo. De acordo com Erick Felinto (2023), os documentários incorporam elementos extra semânticos que criam atmosferas e efeitos emocionais, sensoriais e afetivos para reforçar sua mensagem. Nesse sentido, nos documentários da *Brasil Paralelo*, a combinação de imagens sugestivas, trilhas sonoras e simbolismos intensifica sua narrativa e molda a experiência do espectador para tentar convencê-lo da veracidade de seus enunciados.

Para exemplificar como essas representações e expressões se dão por meio de um campo de concomitância entre ciência e religião, reconfigurando uma memória religiosa que intersecciona Tradicionalismo e fundamentalismo na defesa de um avanço desse discurso religioso em outras esferas, retomamos, aqui, produções da Brasil Paralelo para analisar como alguns dos seus enunciados e formulações utilizam de estratégias, técnicas e tecnologias que funcionam em prol de uma determinada ordem do discurso religioso.

Essa análise audiovisual foi metodologicamente ancorada na, já previamente apresentada, análise dos discursos foucaultiana, por meio da qual foram selecionados dois documentários da produtora Brasil Paralelo, por condensarem com maior nitidez um esforço retórico de ampliar a abrangência de certas verdades religiosas em confronto com saberes laicos, políticos e científicos. Para tanto, articulamos essa leitura com a análise das camadas expressivas da linguagem filmica – tais como ritmo de edição, uso de trilhas sonoras, recursos de narração e iconografia – como componentes que intensificam a dimensão afetiva e performativa dos enunciados, visando apreender não apenas o conteúdo, mas também os modos como ele é estetizado e legitimado enquanto pretensa verdade histórica.

Na série documental “Pátria Educadora” (Brasil Paralelo, 2020), disponível na plataforma de *streaming* da referida produtora, há a descrição de uma versão revisada da história da educação, defendida como verdade – apesar de enfrentar a historiografia contemporânea. Defendendo que modelos pedagógicos do passado seriam superiores aos atuais, o terceiro episódio da série narra, tendo por base uma música instrumental suave e agradável, a educação antiga, mostrando-a como restrita a uma elite, indicando também que filósofos gregos desenvolveram o uso da razão para ensinar virtudes e buscar a verdade. Desse modo, o documentário defende que, com a “revelação em Abraão, a devoção a Deus integrou-se ao conhecimento coletivo, influenciando a vida intelectual”. As universidades, então, uniram filosofia grega e tradição religiosa formando a comunidade acadêmica europeia, enquanto o ensino técnico era conduzido pelas guildas. Esse modelo, ainda conforme o documentário, chegou ao Brasil no século XVI, sendo “fortalecido pela Reforma Protestante, que desafiou a influência da Igreja Católica no ensino”.

Após essa narração, surge, no documentário, um efeito sonoro de impacto que gera desconforto e a trilha sonora tranquila é substituída por outra mais tensa e ansiogênica,

indicando que uma história supostamente mais positiva da educação passará por um acontecimento negativo. Na tela, aparece a inscrição “Educação Iluminista” e uma das primeiras imagens que surgem em seguida é uma arte na qual o professor suspende agressivamente sua vareta para um aluno, sugerindo que a cena posterior seria a de um golpe no estudante – trata-se da primeira expressão, nesse episódio, de uma associação entre educação e violência.

Feita essa introdução ao que seria, para esse documentário, um acontecimento adverso na história educacional, defende-se que a educação, em sua modalidade compulsória e sob controle estatal, teria se tornado um “modo de propagação de ideias” que, juntamente com a Revolução Científica e com o Iluminismo, teria desembocado em “novas concepções sobre direitos humanos” e na “proibição da religiosidade nas escolas”. Aqui, vale destacar que a defesa aos direitos humanos e a laicidade educacional são, ambas, apresentadas, pela produtora, com sentido negativo.

Ainda segundo essa produção audiovisual, a Revolução Industrial trouxe a necessidade de mão de obra qualificada e a criação de novos espaços para crianças, “tornando a educação obrigatória massificada e voltada para a produção econômica” – ou seja, indica-se, mais uma vez, que a educação obrigatória seria um modelo inferior. Para o discurso materializado no documentário, a “pedagogia nova, influenciada pelo pragmatismo e pela filosofia de Hegel”, teria surgido para “adaptar a verdade aos objetivos econômicos”, enquanto a pedagogia crítica, destacada por Paulo Freire, “buscava formar agentes transformadores da sociedade”.

A apresentação desse revisionismo histórico leva à conclusão de que o sistema educacional brasileiro refletiria uma “fusão entre essas abordagens hegeliana e freiriana”, resultando em uma educação que “busca simultaneamente formar trabalhadores e promover uma consciência revolucionária, mas que ainda enfrenta desafios significativos no cenário global”. Ao dissertar sobre essa leitura do cenário atual, o documentário exibe a baixa posição do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), apontando para o argumento de que o afastamento de uma educação clássica e religiosa, juntamente com os ecos do Iluminismo, da Revolução Científica, da Revolução Industrial, da educação obrigatória gerenciada pelo Estado e das supostas diretrizes de Hegel e de Paulo Freire, seriam as principais causas dos problemas da educação brasileira, hipótese que se reflete no título do episódio: “Guerra contra a inteligência”.

Outro documentário no qual a Brasil Paralelo materializa os discursos do fundamentalismo e do tradicionalismo, na tentativa de reconfigurar uma memória religiosa que atravessa as mais diversas áreas da vida (além da própria esfera religiosa), é “O fim da beleza” (Brasil Paralelo, 2021). Nos minutos iniciais desse filme, enquanto imagens envolventes se desenrolam na tela, com a exibição de artes religiosas e clássicas – predominantemente de origem europeia, incluindo castelos, paisagens naturais, e cidades históricas, bem como representações de pessoas brancas –, o espectador é imerso em uma combinação de música clássica e sons da natureza, criando uma atmosfera épica e emotiva. Em meio a esse conjunto audiovisual expressivo, os convidados discutem a beleza como algo “essencial e transformador”, entendendo-a como “um fim em si mesma, capaz de influenciar pensamentos e comportamentos” e como “uma pedagogia da bondade e da luz espiritual”.

Em seguida, contrastando com a descrição de uma modalidade idealizada de arte, há uma ruptura estética da narrativa com a apresentação de imagens rápidas, acompanhadas por uma música acelerada. Essas imagens incluem a arquitetura moderna de São Paulo, elementos da cultura pop, performances artísticas polêmicas, regiões metropolitanas brasileiras mais pobres e prédios pichados. Vale destacar que, somente nesse segundo momento, o documentário apresenta imagens do Brasil, divergindo das imagens cuidadosamente selecionadas com foco no mundo europeizado e rico. A montagem visual passa, então, a intercalar artes clássicas com suas alternativas modernas e contemporâneas; e, também, a confrontar a arquitetura europeia histórica com a realidade urbana e economicamente desigual das metrópoles brasileiras, oferecendo uma visão crítica, mas sem contextualização socioeconômica, de problemáticas culturais e históricas associadas a essas diferenças artísticas. Um convidado, então, sugere que, “à luz de novos conhecimentos científicos, essa visão pode precisar ser reconsiderada”.

Vemos, aqui, mais uma vez o recurso ao campo de concomitância entre ciência e religião para expressar, de modo distorcido e errôneo, que conhecimentos científicos supostamente relacionados a uma valorização da religiosidade cristã poderiam proporcionar uma melhor compreensão da arte.

Defendendo a “tradição”, o documentário explica que a história das transformações deveria se dar em mudanças “incrementais e graduais”, não “de forma revolucionária”. Assim, a arte moderna é definida como uma “ruptura com os valores clássicos de beleza”, adotando uma visão relativista em que “a beleza depende da percepção individual do espectador”. Essa definição não se limita ao que se apresenta verbalmente, no documentário, pois cenas com artes modernas e contemporâneas são usualmente acompanhadas por sonoplastia cômica ou melancólica, indicando um caráter pejorativo da arte atual, apresentando-a como forma de “infantilização”.

Mais uma vez, utilizando o campo de concomitância como estratégia enunciativa, essa produção fala do “processo de evolução cerebral”, ressoando uma memória da ciência, para apontar que “a fisiologia humana demanda ornamentações como a arquitetura tradicional oferecia”, em contraposição à moderna, tentando confirmar um argumento tradicionalista por analogia com a ciência, mesmo que essa lógica não se justifique cientificamente. Em um movimento similar, o documentário compara sua visão teológica e conservadora de arte com a ciência, indicando que “ambas precisam de muitos anos de experimentações e evoluções lentas e graduais para se consolidarem”. Desse modo, apresenta-se, no referido documentário, um discurso supostamente científico, mas que destoa dos vários manifestos artísticos e arquitetônicos do último século.

Em seguida, analisando a relação entre beleza e Deus, os comentaristas convidados destacam que, “historicamente, a beleza estava profundamente ligada à divindade e ao sagrado, refletindo a fé e a visão de mundo das diferentes culturas”, o que se mostra, ainda conforme esses participantes, “pelo modelo da Antiguidade e da Idade Média no qual a arte expressava a presença de Deus e a sacralidade, com o belo representando uma manifestação divina e o ideal de bondade”. Por outro lado, ainda conforme o que nos apresenta o documentário, com o advento do humanismo e do antropocentrismo, a arte teria começado a refletir o ser humano “como o centro da criação, afastando-se gradualmente da espiritualidade e da sacralidade”.

A transição para a Modernidade, segundo o documentário da Brasil Paralelo, caracterizada pelo Iluminismo e pela busca de autonomia individual, teria levado a um “deslocamento do foco da arte do sagrado para o profano”, resultando em uma “valorização da experiência humana em detrimento das tradições religiosas, rejeitando a sabedoria tradicional em favor de uma nova visão de mundo”, o que, novamente, é expresso por um conjunto de técnicas audiovisuais e pelo contexto representacional como sinônimo de declínio e decadência civilizacional devido ao alegado afastamento, por parte do mundo secular, de uma memória relacionada ao discurso religioso na vertente defendida pelo discurso que emerge do segundo documentário aqui analisado.

Conclusão

O documentário, apesar de se diferenciar dos filmes ficcionais pela aspiração de representar o mundo histórico em consonância com o discurso científico e suas concepções de verdade, também expressa criativamente a realidade em seu percurso técnico e tecnológico de produção. A verdade histórica, nesse contexto, torna-se objeto de disputa, já que uma definição de verdade depende do discurso que a enuncia, o que funciona também no documentário, fazendo deste um espaço de batalha pelo saber relacionado a uma pretensa verdade.

A produtora Brasil Paralelo, ecoando a religiosidade conforme uma ordem do discurso na qual o fundamentalismo e o tradicionalismo passaram a assumir maior centralidade, reforça esse domínio de memória, não admitindo nem discutindo suas relações de filiação e de gênese, e, para isso, utiliza de um campo de concomitância que busca estabelecer uma relação ambígua com o discurso científico, absorvendo alguns dos seus enunciados para tentar confirmar analogicamente seus argumentos, mas mantendo posição crítica e relação a uma ciência secular e laica.

Essa estratégia de saber-poder segue configurando o conjunto de relações que visa a manutenção dessa ordem do discurso religioso como “verdade”. Tal discurso está relacionado tanto a uma genealogia, em que o fundamentalismo e o tradicionalismo saíram de uma posição de resistência para alcançar, nas últimas décadas, uma maior centralidade religiosa, quanto, também, a uma “verdade” que coaduna com as condições de possibilidade da contemporaneidade. Nesse sentido, o documentário, formato cuja proposta é convencionada e entendida como representação do mundo histórico, funciona como uma tecnologia que pode contribuir para o convencimento daquilo que reverbera em diferentes discursos como sinônimo de verdade, mesmo que não o seja.

Referências

BARNOUW, Erik. **Documentary**: a history of the non-fiction film. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1993.

BRASIL PARALELO. **Pátria Educadora** [Série Documental]. 2020. Disponível em: <<https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/patria-educadora>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL PARALELO. **O fim da beleza** [Série Documental]. 2021. Disponível em: <<https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/o-fim-da-beleza/>>. Acesso em: 17 ago. 2024.

BRASIL PARALELO. **Sobre nós**: o que é a Brasil Paralelo? 2024. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Por uma concepção de Estado laico. In: DAVILA-LEVY, Claudia Masini; CUNHA, Luiz Antônio (Orgs.). **Embates em torno do Estado laico**. São Paulo: SBPC, 2018, pp. 41-52.

DOWLAND, Seth. **Family values and the rise of the christian right**. Filadélfia: University of Pennsylvania, 2015.

DU MEZ, Kristin Kobes. **Jesus e John Wayne**: como o evangelho foi cooptado por movimentos culturais e políticos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

FELINTO, Erick. “Nenhum Brasil Existe”: atmosferas conspiratórias e cosmovisão reacionária nos documentários da brasil paralelo. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, v. 50, [S.L.], pp. 1-13, 22 out. 2023.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Lisboa: Edições 70, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

HEFLEY, James C. **The conservative resurgence in the Southern Baptist Convention**. Hannibal: Hannibal Books, 1991.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, pp. 45-56.

LINDSAY, Hal. **The Late Great Planet Earth** [Série documental]. Dirigido por Robert Amram e Rolf Forsberg. Los Angeles: RCR Productions, 1979.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. **Das jornadas de junho à cruzada moral**: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, n. 3, [S.L.], pp. 945-970, dez. 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Like a prayer: articulações da cultura pop na midiatização da religião. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, pp. 57-72

MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. **Revista Tempo e Argumento**, v. 15, n. 38, [S.L.], pp. 1-28, 10 abr. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introduction to documentary**. 2. ed. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

NICHOLS, Bill. **Speaking truths with film**: evidence, ethics, politics in documentary. Oakland: University of California Press, 2016.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica**: Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Ed. Lux, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio. Apresentação: O Pop não poupa ninguém? In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, pp. 9-16.

SCHAFFER, Francis A. **A Christian Manifesto (1981)**. 2. ed. Westchester: Crossway Books, 1982.

SCHAFFER, Francis. **How should we then live?** [Série documental]. Produzido por Francis Schaeffer e Billy Zeoli. Muskegon: Gospel Films Production, 1977.

SCHAFFER, Francis; KOOP, Everett. **Whatever Happened to the Human Race?** [Série documental]. Produzido por Franky Schaeffer V. e Billy Zeoli. Los Angeles: Franky Schaeffer V Productions, 1979.

SCHAFFER, Frank. Sex, mom and God: how the Bible's strange take on sex led to crazy politics, and how I learned to love women (and Jesus) anyway. Philadelphia: Da Capo Press, 2011.

SCHNELLE, Nils. **The Christian Right in the United States**: origin, structure, and political activism. 3. ed. Munique: Grin Verlag, 2009.

SMITH, Oran P. **The rise of baptist republicanism**. New York: New York University, 1997.

SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira

de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, pp. 19-34.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Recebido em: 04/12/2024

Aprovado em: 16/06/2025

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.